

# EXTROVERSÃO – INTROVERSÃO, DOGMATISMO E SUAS RELAÇÕES COM A VULNERABILIDADE AO ESTRESSE

FRANCISCO RAMOS DE FARIAS\*

Universidade Federal do Ceará

Departamento de Psicologia

Este estudo se propõe analisar a influência dos fatores de personalidade extroversão, introversão e dogmatismo na vulnerabilidade do estresse, considerando-se os determinantes cognitivos como mediadores desta relação.

O instrumental utilizado para a verificação empírica foi composto dos seguintes testes: 16 PF de Cattell e Eber, Fator P de Toulouse-Pieron, Escala de Dogmatismo de Rokeach e o Sorting-Test, adaptado para esse estudo. Esses instrumentos foram utilizados para testar as hipóteses; o introvertido e o não dogmático, tanto na condição isolada quanto em combinação, apresentam vulnerabilidade ao estresse maior do que o extrovertido e o dogmático nas mesmas condições.

A análise da regressão múltipla demonstrou que nenhuma diferença quanto à vulnerabilidade ao estresse foi observada em relação aos tipos extrovertido, introvertido, dogmático e não-dogmático, quer isoladamente, quer nas combinações extrovertido-dogmático e introvertido-não-dogmático.

## 1. INTRODUÇÃO

Sempre que alguém pretende delimitar os aspectos psicológicos do estresse, encontra-se diante de um problema bastante complexo, relacionado aos *fatores* da personalidade. É este um campo bastante controvertido, pois, como afirma

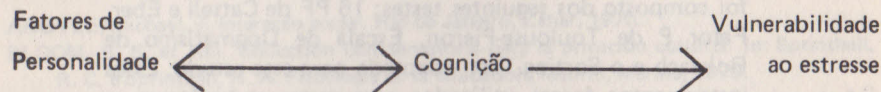
---

\* Mestre em Psicologia pela FGV;  
Psicólogo Clínico pela UFRJ-IP;  
Professor da disciplina Teorias e Técnicas Psicoterápicas – UFC.  
Doutorando em Psicologia Cognitiva pela FVG.

Endler (1981), é a personalidade um tópico da psicologia que contém em suas definições bastantes ambigüidades.

No que diz respeito às relações entre os fatores de personalidade e a vulnerabilidade ao estresse acredita-se como Lazarus e outros (1979), que esta vulnerabilidade seja influenciada através dos processos cognitivos-mediadores da experiência do estresse — pela organização, combinação e disposição de tais fatores. Desse modo, conjectura-se que a vulnerabilidade ao estresse considerada em termos da efetividade no desempenho, é o resultado de dois grupos de determinantes. Em primeiro lugar, recebe influência direta dos determinantes cognitivos e em segundo lugar, depende indiretamente dos fatores de personalidade. É claro que há também uma relação entre os fatores de personalidade e os determinantes cognitivos, pois o "modus operandi" dos processos cognitivos está sob a determinação dos fatores de personalidade, entre outras influências. Neste sentido tenta-se aqui explicitar os princípios explicativos e/ou descritivos da relação entre os fatores de personalidade e a vulnerabilidade ao estresse considerando a atividade mediacional dos determinantes cognitivos.

Esquemáticamente tem-se:



Considerando o exposto, na experiência do estresse os determinantes cognitivos são considerados como mediadores, sendo influenciados pelo conjunto de traços e tipos que compõem a personalidade. É provável que cada traço ou que cada tipo atue de forma específica quando modulam os determinantes cognitivos da experiência do estresse e, sendo assim, é também provável que a atuação de cada traço ou de cada tipo possa ter um efeito distinto na vulnerabilidade, além de ser também diferente o efeito decorrente da atuação da combinação de dois ou mais traços ou de dois ou mais tipos.

Ao optar por um esquema teórico sobre a personalidade, acredita-se que uma das formulações teóricas sobre a personalidade que melhor se adapta aos objetivos deste estudo é a de Hamilton (1976 e 1979).

Hamilton (1979) parte de uma analogia que, segundo ele, é bastante ingênua para abordar a relação personalidade — estresse. Refere-se à possibilidade de se analisar tanto a personalidade como o estresse do mesmo modo que se analisa, por exemplo, uma molécula de água. Admite, desse modo, que os componentes da personalidade podem ser considerados como traços, hábitos, tipos e motivos e os componentes do estresse como desconforto emocional, desorganização e primitivação nas respostas, falta de concentração, tensão e outros, da mesma maneira que a molécula de água é analisada em termos de seus elementos.

Fatores intrínsecos a essas organizações tornam-nas bastante diferentes. Com respeito à molécula de água pode-se falar de forças intermoleculares, mas com respeito aos determinantes do comportamento individual, bem como da experiência de desconforto vivenciada no estresse é conveniente referir-se às estruturas cognitivas, pois para Hamilton (1979)

"Processos cognitivos, contudo, combinam, separam e recombina dos dados codificados que as estruturas informacionais contêm, por isso, num nível reducionista, a linguagem da personalidade e do estresse é neuronal, onde códigos eletroquímicos conduzem informações". (p. 68).

Então fica bastante evidenciada a atividade dos processos cognitivos na organização da informação que é recebida pelas estruturas de personalidade. O resultado dessa atividade é observada em termos de um padrão de resposta comportamental.

Tem-se aí uma dinâmica que pode ser considerada em três níveis. No nível mais profundo, e evidentemente não observado diretamente, encontram-se os fatores de personalidade, no intermediário está a atividade dos processos cognitivos que, como processos intervenientes, são também constructos; e finalmente a nível manifesto têm-se alguns aspectos da resposta do organismo.

É conveniente ressaltar que em cada um desses níveis existem processos simples e processos complexos, ou seja, cada um desses níveis pode ser analisado em termos de uma dinâmica que envolve a atividade de componentes de funcionamento bastante elementares e indiferenciados até a atividade de componentes dotados de grande plasticidade no seu funcionamento.

Desse modo, para a determinação do comportamento conflui uma série bastante variada de influência relacionada aos fatores de personalidade, ao processo de "coping" e também ao contexto social de onde provém a informação a ser operada. Então o comportamento deve provavelmente ser o resultado de uma série de operações que ocorrem nos três níveis já mencionados.

Por um lado, intervém na determinação do comportamento a maneira como o aspecto da configuração estimuladora é avaliado. Por outro lado, na base de tal processo de avaliação estão os fatores de personalidade — traços, tipos, hábitos — que atuam de modo indireto em dito processo.

Para suporte das hipóteses deste estudo, então, a concepção de personalidade de Hamilton (1979) é mais conveniente. Para tal autor, a personalidade é um sistema multivariado, hierarquicamente estruturado. Corresponde a uma organização dinâmica de respostas, sendo seus componentes descritos em termos de traços, hábitos, tipos e motivos. Essa organização teria bases biológica, psicológica e social. De resto, pode-se dizer que o comportamento não é apenas o resultado de tal organização, quer dizer, essa organização estaria envolvida no modo de operação das informações extraídas do meio para, numa etapa subsequente, conjuntamente com a atividade de outros sistemas, ter lugar o aparecimento do comportamento.

Como já foi salientado, cada traço ou cada tipo atua de forma específica no processo relacionado ao modo de operação. Então, ter-se-iam tantos mod

de operações quantos fossem os traços e tipos considerados e suas combinações entre si. Por essa razão, lançou-se mão das formulações de Eysenck e Cattell sobre a personalidade pelo fato de haver uma certa compatibilidade com as formulações de Hamilton. Ambas as teorias supõem a existência de características latentes — traços e tipos — que respondem por dados manifestos do comportamento. Além disso, o grande número de pesquisas realizadas no campo da personalidade considerando teorias do traço-tipo tornou-se um argumento convincente para que os instrumentos elaborados com base em tais teorias fossem utilizados na parte empírica desse estudo. Cattell (1950), Murray (1938), Schaefer (1945).

Antes de abordar a relação traços de personalidade e vulnerabilidade à doença, tomada como referencial neste estudo, fazem-se necessários alguns comentários sobre a vulnerabilidade. Na abordagem que considera a combinação dos fatores de personalidade com os elementos da configuração ambiental e suas relações com a vulnerabilidade ao estresse há espaço suficiente para se aceitar o conceito de personalidade de Hamilton (1979) já descrito. Propôs tal autor que a constelação de hábitos, tipos e traços organizados hierarquicamente tem como função básica o ajustamento psicológico. Sendo assim, pode-se conjecturar que os efeitos dos estressores e do estresse no comportamento dependem da atividade cognitiva em sua dinâmica interacional com os fatores de personalidade, pois, como é sabido, tem a personalidade características consistentes mas também modificáveis, susceptíveis e vulneráveis às demandas situacionais. Então é provável que diante de cada configuração estimuladora se processe uma dada organização das características de personalidade que resultará numa atividade cognitiva específica a essa organização. E na medida em que para esta organização contribuem características consistentes e permanentes conformadoras dos tipos e traços de personalidade, é de se esperar a identificação de padrões de respostas que possam refleti-los.

Tendo isto em vista, conjectura-se no que concerne aos estresses a existência de tipos de personalidade que apresentam uma vulnerabilidade maior ao estresse do que outros, tomando-se como base as proposições teóricas expostas e também formulações de Alker e Owen (1977) sobre a dinâmica relacional desses tipos em relação a determinados padrões comportamentais.

Este estudo detem-se nos tipos extrovertido e introvertido em razão de os resultados de investigações serem sugestivos para a relação proposta na medida em que sugerem correlações entre determinados fatores de personalidade e o aparecimento, agravamento e manutenção de determinadas doenças. Além dos resultados de investigações experimentais, algumas proposições teóricas também apontam a existência da correlação citada e são, juntamente com tais resultados, importantes para se estudar a relação entre o aparecimento, agravamento e manutenção do estresse e tipos de personalidade, ou seja, entre esses tipos e a dinâmica comportamental na experiência do estresse. Nesse campo, as pesquisas são menos numerosas do que em outros e os resultados são pouco concludentes. Por isso, revela-se oportuno o estudo das relações entre tais tipos e a vulnerabilidade ao estresse.

Outra dimensão, também considerada neste estudo foi o dogmatismo, pois acredita-se que esta se revele significativa no estudo do estresse na medida em que se relaciona com a possibilidade da mobilização de modelos mentais para o indivíduo operar informações extraídas do meio. Devido a esse aspecto, acredita-se estar intimamente relacionada aos determinantes cognitivos e responder também por um dado tipo da atividade cognitiva.

O dogmatismo também é uma dimensão bipolar que vai de um extremo, caracterizado pela ausência de dogmas e preconceitos, até outro extremo, que caracteriza o indivíduo com atitudes rígidas, estereotipadas e preconceituosas, valendo-se de dogmas em suas decisões.

Nosso pressuposto é o de que a forma como esses traços se combinam para formar um tipo, bem como a interação desses tipos entre si e também com influências sociais e ambientais, contribuem decisivamente na atividade cognitiva.

Então, é provável que o estresse mediado pelos processos cognitivos — esteja relacionado com fatores de personalidade. Essa é a relação a que este estudo se propõe verificar empiricamente, na medida em que alguns experimentos já se destinaram a verificar relações entre os fatores secundários de Cattell — tipos para Eysenck — e o aparecimento, agravamento e manutenção de algumas doenças, entre outras relações. Resta salientar que as investigações realizadas até o momento não abarcaram todos os fatores.

Essa preocupação esteve também presente em outras áreas além da psicologia, pois a Medicina Psicossomática empenhou-se em muitas investigações com a finalidade de encontrar uma correlação entre determinados tipos de doenças e determinados tipos de personalidade.

No campo do estresse este tipo de estudo correlacional está ainda em fase inicial, havendo bem poucos experimentos designados especificamente para esse objetivo, permanecendo no nível das suposições essas correlações, conforme assinalam Venham, Murray e Gaulin-Kremer (1979), Minter e Kimball (1981) e Coyne e Lazarus (1981). Esses dois últimos chegaram até a afirmar que muitas das condições antecedentes ao estresse são provavelmente os fatores de personalidade. Nesta ótica, pode-se supor que certos tipos de personalidade apresentam características significativas para tornar a pessoa mais vulnerável à doença e possivelmente ao estresse. Aliás, para autores como Minter e Kimball (1981) haveria mesmo uma vulnerabilidade psicológica para determinado tipo de doença.

No que diz respeito à relação entre tipos de personalidade e vulnerabilidade ao estresse alguns estudos experimentais, certas proposições teóricas e a possível aplicação dos resultados alcançados, na escola, no trabalho, na psicoprofilaxia e intervenção terapêutica a par dos estudos em outras áreas entre tipos de personalidade e vulnerabilidade à doença nos orientam para escolha dos tipos extrovertido, introvertido, dogmático e não-dogmático.

Inicialmente, destaca-se uma relação, embora fora do escopo deste estudo, sobre os tipos dependente-independente. A esse respeito vale mencionar uma série de investigações. Boeched e Zawiska (1975), Garrity, Somes e Märk

(1977), Miller e Grim (1979), Venham, Murray e Gaulin-Kremer (1979) chegaram a conclusões sugestivas de que a personalidade do tipo dependente suscepebiliza o indivíduo a um número maior de doenças do que a personalidade do tipo independente. O que explicaria tal situação? Acredita-se que tal fenômeno se deve provavelmente ao fato de que a personalidade dependente é aquela que apresenta um ego com pouca força, quer dizer, pouco amadurecido e precariamente estruturado. Desse modo tal tipo de personalidade não favoreceria, conforme argumentou Lazarus (1967), a obtenção pelo indivíduo de condições favoráveis ao processo de "coping" e aos mecanismos adaptativos. Além do mais, o indivíduo que possui este tipo de personalidade estaria mais em condições de externalizar e agravar determinados sintomas. Wills e Langner (1981) propõem que além do tipo de personalidade, o padrão do funcionamento fisiológico, onde se pode observar a vulnerabilidade de órgãos e/ou sistemas, deve ser considerado juntamente com as diferenças individuais como exercendo uma influência significativa na vulnerabilidade ao estresse.

Outras relações são igualmente importantes. Garrity, Some e Mark (1977) postularam que as condições necessárias para uma adaptação às mudanças estão diretamente vinculadas às características da personalidade. É provável que determinadas características como o conformismo e a dependência entrem em ação nas situações de mudanças, inibindo a efetividade do comportamento e desse modo propiciando o aparecimento do estresse.

Assim, para Lazarus (1975) o estresse poderia surgir quando houvesse uma quebra dos padrões de valores tradicionais institucionalizados, pois no curso do desenvolvimento é sabido que o indivíduo internaliza aspectos do ambiente físico e social. Esses aspectos perdurariam ou não pela vida do indivíduo, determinando seu tipo de interação com o meio e servindo de base para as suas relações interpessoais. Quando tais padrões não sofrem mudanças internas de modo a acompanhar as mudanças externas, e o indivíduo tem que enfrentar situações como escola, trabalho, lazer, é provável que experimente estresse, pois, segundo Murray (1973), a dificuldade de mobilização dos padrões internos produzem no indivíduo condições desfavoráveis ao processo de "coping".

Esta mesma relação pode ser observada no dogmatismo, pois como propõe Hamilton (1979) os indivíduos que apresentam rigidez nos processos de pensamento — dogmáticos — têm maior dificuldade de lidar com situações ambíguas do que os indivíduos que têm flexibilidade de tais processos. Desse modo pode-se esperar que os indivíduos que se caracterizam pela rigidez experimentem o estresse em maior grau de que os indivíduos caracterizados pela flexibilidade. Isto porque os indivíduos dogmáticos provavelmente teriam pouco sucesso no processo de "coping". Hamilton ainda propõe que se considere a rigidez-flexibilidade como uma condição antecedente do estresse. Haythorn e Altman (1967) apresentaram conclusões bastante próximas das proposições de Hamilton.

No presente trabalho, investiga-se também a relação entre a vulnerabilidade do estresse e o dogmatismo, admitindo-se que os indivíduos rígidos ou dogmáticos são mais passíveis de experimentar estresse do que os indivíduos flexíveis ou não-dogmáticos.

Outro aspecto que será também abordado é a relação entre extroversão-introversão e a tolerância ao estresse.

Lovallo e Pishkin (1980) encontraram uma relação entre o auto-envolvimento, o tipo extrovertido, e o nível baixo de ativação. Concluíram que devido a um envolvimento maior nos indivíduos extrovertidos, esses seriam mais susceptíveis a doenças cardiovasculares. Miller e Grim (1979) já teriam postulado uma relação com referência à hipertensão nesses mesmos moldes.

Estudos experimentais, bem como proposições teóricas, sobre a relação entre os tipos de personalidade mencionados e suas relações com determinadas doenças, foram levados a efeito por Eysenck (1955a e b). Esses estudos experimentais tiveram como base o estudo de Eysenck realizado em 1952, onde concluiu que os indivíduos ansiosos são mais introvertidos do que os indivíduos normais. Ainda é relevante a proposição teórica postulada por Eysenck (1953) sobre a relação entre o alto índice de neuroticismo que corresponde, na concepção de Hull (1943), a um "drive" elevado, e determinados estados neuróticos que se diferenciariam pelo tipo de personalidade em termos da dimensão introversão-extroversão.

Em 1955, Eysenck (1955a) desenvolve uma teoria diferente da formulação feita anteriormente em 1953, retomando as hipóteses de Pavlov e os conceitos de potencial de excitação e inibição. Eysenck (1955b) postulou que deve haver diferenças no desenvolvimento desses dois potenciais e que essas diferenças devem refletir-se na estrutura da personalidade. A partir dessas proposições, Eysenck chegou a afirmar que em indivíduos nos quais a inibição reativa se produz de maneira rápida e forte, há também como consequência um dissipamento lento, possibilitando o desenvolvimento de padrões extrovertidos, o que vai resultar na dificuldade de fixação de hábitos pelo fato de a inibição reativa ser forte. A outra afirmação de Eysenck é que nos indivíduos em que a inibição reativa é lenta, o processo de dissipamento é rápido e também se produzem inibições reativas fracas. Nesse caso ter-se-iam as condições nas quais se desenvolve o padrão introvertido da personalidade, que se caracteriza pela facilidade de fixação de hábitos, naturalmente em pequena quantidade. A partir disto Eysenck (1955b) admitiu que quanto mais elevada é a extroversão, menor é a possibilidade de condicionamento, conclusões a que chegaram também Franks e Laverty (1955) e Franks (1957). Essa idéia de Eysenck não é aceita por Gray (1976) que relaciona a extroversão ao medo. Na sua opinião, a extroversão, composta de dois subfatores — a impulsividade e a sociabilidade — apresenta condições que dificultam a possibilidade das respostas de medo. Sendo assim, enquanto Eysenck (1956) admitiu que o extrovertido é o indivíduo que forma com muita dificuldade respostas condicionadas, Gray (1976) admitiu a dificuldade de ter medo no extrovertido, em lugar da dificuldade de apresentar respostas condicionadas.

Considerando-se as proposições desses autores, poder-se-ia supor que os indivíduos extrovertidos são mais vulneráveis ao estresse. Então na introversão o

processo de "coping" poderá resultar num sucesso maior do que na extroversão e desse modo a possibilidade de o indivíduo introvertido experienciar estresse seria menor do que o extrovertido.

Nesse sentido é interessante mencionar o estudo de Shapiro e Alexander (1969), realizado com o Teste de Apercepção Temática, onde se verificou que os indivíduos introvertidos apresentavam histórias nas quais a solução das dificuldades era maior do que aquelas apresentadas pelo extrovertido. Além do mais, os personagens dos introvertidos eram caracteristicamente mais ativos em suas reações do que os personagens dos extrovertidos, que se caracterizaram por grande passividade. Isto ao nosso ver vai ao encontro da idéia de que, devido a tais características dos introvertidos, a probabilidade de experienciarem situações estressantes, é menor do que nos indivíduos extrovertidos.

Em suas pesquisas Eysenck (1957) utilizou a dimensão extroversão-introversão para explicar a dinâmica da histeria e da ansiedade. Suas proposições suscitaram muitos experimentos e muitas críticas. Um de seus maiores opositores neste contexto foi Hamilton (1959), ao afirmar que as formulações eysenckianas sobre a ligação entre ansiedade, histeria, extroversão e introversão, na medida em que são consideradas em relação aos processos de inibição e excitação cortical, não tiveram nenhum suporte. Segundo Hamilton (1959), Eysenck (1957) não considerou outras influências que derivam do funcionamento biopsicológico. É interessante que nesta ocasião Hamilton já deixou subentendida a atuação de outros determinantes além daqueles meramente fisiológicos, determinantes estes que, em décadas posteriores, vai propor Hamilton (1979) como a influência da atividade cognitiva.

Como argumento às suas afirmações, Hamilton (1979) chega a afirmar que a principal fonte das diferenças individuais na tolerância ao estresse residiria mais nos determinantes cognitivos do que nos sistemas de respostas biológicas. E ainda considera a dimensão extroversão-introversão como um fator secundário na determinação do estresse, ao contrário de Eysenck (1967) que considerou tal dimensão como condição primária nessa determinação, além de enfatizar os processos de ativação no desenvolvimento de estados emocionais para experienciar e lidar com estressores. Também Eysenck admitiu que hábitos relacionados com a introversão-extroversão são determinados por eventos e processos subcortiais. No entanto, Hamilton (1979) admite que a habituação e a aprendizagem superior são potencialmente capazes de reduzir a intensidade de um estressor, tornando-o semelhante a um estímulo ordinário, como admitiu Eysenck (1967). Portanto, quando as reações biológicas do estresse energizam o comportamento de evitação, tais reações são secundárias aos processos da identificação cognitiva da ameaça, quer dizer, a percepção do perigo é de especial relevância para a pessoa e precede a resposta biológica. Este aspecto não foi enfatizado por Eysenck. Assim sendo, pode-se concluir que nos introvertidos a percepção do perigo se dá mais rápida do que nos extrovertidos e também os primeiros teriam mais condições para um processo de "coping" em que um número maior de condições adaptativas seria então o resultado final.

Outras relações ainda foram estudadas com respeito à introversão. Venham, Murray e Gaulin-Kremer (1979) admitem que um conjunto de condições desadaptativas estão mais relacionadas a extroversão do que a introversão. Tais autores propuseram que a vulnerabilidade ao estresse pode ser explicada por três fatores da personalidade: neuroticismo, extroversão e dependência. Seus trabalhos se basearam na manipulação da ansiedade infantil em tratamentos dentários. Concluíram que aqueles indivíduos com alto escore em ansiedade e com reações que caracterizam a extroversão experienciavam reações de estresse muito intensas.

É também possível que tanto o indivíduo extrovertido, quanto o indivíduo dogmático apresente dificuldades para experienciar situações estressantes. Por um lado, o extrovertido apresenta dificuldades para conservar padrões adaptativos de resposta e por outro lado, o dogmático opera com modelos mentais com pouca flexibilidade. Desse modo o processo de "coping" ou seria retardado ou teria pouco êxito.

Considerando este contexto formulou-se neste estudo a hipótese de que os indivíduos extrovertidos-dogmáticos teriam maior probabilidade de experienciar situações estressantes com maior intensidade do que os indivíduos introvertidos-não-dogmáticos, sendo a dimensão extroversão - introversão considerada não primariamente como fez Eysenck, mas secundariamente como no modelo de Hamilton, pois, como propôs Lazarus - (1966), a reação de estresse depende da avaliação do que o indivíduo faz de um dado estressor. Neste caso o tipo de personalidade seria uma condição secundária na reação do organismo ao agente estressor, pois em princípio o tipo estaria vinculado ao processo de "coping".

Vale referir que os processos de excitação e inibição cortical estão também presentes na determinação da atividade cognitiva. Assim sendo, as idéias de Eysenck da existência de um componente emocional energizante relacionado a um tipo de personalidade podem ser aceitas parcialmente como condição básica na produção do estresse pois como já se tornou claro, considera-se relevantes nesse sentido as proposições de Lazarus (1966), Sells (1970), Cox (1978) Lazarus (1979), Coyne e Lazarus (1981).

Deste modo, são as proposições desse último grupo de investigadores, e também as de Hamilton, além dos resultados de algumas investigações realizadas, que servem de suporte para nosso estudo em termos do estabelecimento da direcionalidade das hipóteses a serem testadas.

Para esses autores, e também para Appley e Trumbull (1967), qualquer resposta do organismo envolve estruturas cognitivas e além do mais a antecipação é abordada, por esses investigadores, como precedente ao conhecimento do efeito. Fica bastante claro que esse processo não pode ser admitido como uma aquisição pelo condicionamento. Esta é uma razão para que não se aceite integralmente as idéias de Eysenck pois a vulnerabilidade ao estresse tem muitas de suas fontes na experiência de "coping", além de estar relacionada aos tipos e/ou traços de personalidade.

## 2. OBJETIVOS

O estudo experimental seguinte objetiva-se a estudar os efeitos da influência dos tipos de personalidade: introvertido, extrovertido, dogmático e não-dogmático na vulnerabilidade do indivíduo ao estresse, quer isolados, quer em combinação, em conformidade com o esquema de apoio teórico apresentado.

Destina-se principalmente à verificação dos efeitos simples e interacionais de tais tipos e na medida do possível à identificação de outros processos que possam estar relacionados a esses tipos.

Para avaliar a dinâmica conjecturada como vulnerabilidade será analisado o desempenho do indivíduo numa situação predeterminada. Esta situação é estressante pois o indivíduo para responder corretamente deve estar atento para informações de três fontes distintas e operá-las simultaneamente. Na medida em que o tempo entre a aplicação dessas informações decai gradativamente espera-se que o indivíduo tenha uma probabilidade menor para executar adequadamente as operações que são eliciadas a partir da apresentação dessas informações. Desse modo, espera-se que, quanto maior for a vulnerabilidade do indivíduo ao estresse maior será o número de erros em suas tarefas, pois a dinâmica comportamental inclui, certamente, combinações simples e complexas de características internas ao indivíduo bem como das situações ambientais.

O reconhecimento da ação dessas características no comportamento do indivíduo é importante porque permite-nos explorar a seqüência entre eventos antecedentes e conseqüentes de modo a fornecer uma base empírica para o desenvolvimento de relações outras além do escopo deste estudo, considerando o processamento de informações e a ação dos determinantes cognitivos em situações produtoras de estresse.

## 3. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Na exposição das proposições teóricas e de resultados experimentais tanto no campo do estresse (e em particular do estresse psicológico) e na descrição das características conformadoras da personalidade, tentamos na medida do possível deixar entrever uma relação entre a organização das características de personalidade originando um determinado tipo e a influência desse tipo na vulnerabilidade ao estresse.

Essa relação foi conjecturada em função de as conclusões baseadas nas formulações de Selye sobre a síndrome de adaptação geral, como caráter não-específico do estresse fisiológico, não se constituírem como argumentos totalmente válidos para se explicar o estresse psicológico, principalmente no que concerne a vulnerabilidade. Desse modo é provável que a vulnerabilidade ao estresse decorra também de mecanismos específicos e estes postulamos como sendo fatores de personalidade e os determinantes cognitivos. Os determinantes cognitivos influenciariam diretamente a vulnerabilidade enquanto que os fatores

de personalidade estariam em ação indireta ou seja essa influência ocorreria por intermédio dos determinantes cognitivos.

Dentre os fatores de personalidade escolhemos os tipos extrovertido e introvertido de acordo com as concepções teóricas de Eysenck e também nos baseamos em resultados experimentais de pesquisas levadas a efeito pelo próprio Eysenck sobre a influência desses tipos e a vulnerabilidade a doença. Esses dois tipos foram escolhidos também porque Eysenck estabeleceu uma relação deles com a adaptação, sendo o tipo extrovertido menos adaptável do que o tipo introvertido.

Desejando desenvolver um conhecimento da maneira pela qual fatores da personalidade se correlacionam com o estresse, considerando os fatores cognitivos, procura-se mostrar as inter-relações e responder às seguintes indagações:

- A vulnerabilidade ao estresse é menor nos indivíduos introvertidos do que nos indivíduos extrovertidos?
- A dimensão dogmatismo influencia a vulnerabilidade do estresse?
- O efeito desses fatores é maior quando relacionados ou quando isolados?

## 4. HIPÓTESES

As seguintes hipóteses serão sujeitas a comprovação no presente estudo.

HIPÓTESE I:

Sujeitos introvertidos são menos vulneráveis ao estresse do que sujeitos extrovertidos.

$$\bar{X}_I < \bar{X}_E$$

H<sub>0</sub> - Não há diferença na vulnerabilidade ao estresse entre sujeitos introvertidos e extrovertidos.

$$\bar{X}_I = \bar{X}_E$$

HIPÓTESE II:

Sujeitos dogmáticos são mais vulneráveis ao estresse do que sujeitos não dogmáticos.

$$\bar{X}_D > \bar{X}_{ND}$$

H<sub>0</sub> - Não há diferença na vulnerabilidade ao estresse entre sujeitos dogmáticos e não dogmáticos.

$$\bar{X}_D = \bar{X}_{ND}$$

HIPÓTESE III:

Sujeitos extrovertidos-dogmáticos são mais vulneráveis ao estresse do que sujeitos extrovertidos não-dogmáticos.

$$\bar{X}_{ED} > \bar{X}_{END}$$

H<sub>0</sub> - Não há diferença na vulnerabilidade ao estresse entre sujeitos extrovertidos dogmáticos e sujeitos extrovertidos não-dogmáticos.

$$\bar{X}_{ED} = \bar{X}_{END}$$

#### HIPÓTESE IV:

Sujeitos introvertidos-dogmáticos são mais vulneráveis ao estresse do que sujeitos introvertidos não-dogmáticos.

$$\bar{X}_{ID} > \bar{X}_{IND}$$

H<sub>0</sub> — Não há diferença na vulnerabilidade ao estresse entre sujeitos introvertidos-dogmáticos e sujeitos introvertidos não-dogmáticos.

$$\bar{X}_{ID} = \bar{X}_{IND}$$

## 5. MÉTODO

### A) Variáveis

1. *Extroversão-introversão* — diz respeito à orientação da personalidade no sentido subjetivo.

Esta variável foi observada pelo 16PF, pois há uma correspondência entre os fatores de segunda ordem de Cattell *exvia-envia* e ansiedade e os fatores *extroversão-introversão* e *neuroticismo* de Eysenck (Peck e Whithow, 1976).

2. *Dogmatismo* — foi observado pelo resultado da escala de Dogmatismo de Rokeach. Esta variável será dicotomizada em:

- Grupo I — dogmáticos
- Grupo II — não-dogmáticos

3. *Vulnerabilidade ao estresse* — foi observada pelo resultado do sujeito do Sorting Test.

### B) Delineamento do Estudo

Plano fatorial 2 x 2

	I	E
D	I	II
ND	III	IV

- I — Introvertido
- E — Extrovertido
- D — Dogmático
- ND — Não-dogmático

- I — introvertidos dogmáticos
- II — extrovertidos dogmáticos
- III — introvertidos não-dogmáticos
- IV — extrovertidos não-dogmáticos

### C) Amostra

A amostra foi dimensionada em 150 indivíduos do segundo período de créditos da faculdade Maria Thereza dos cursos de Biologia e Psicologia do 2.º semestre do ano de 1981, em Niterói — Estado do Rio de Janeiro.

### D) Instrumentos

a. 16PF — Dezesesseis fatores da personalidade de R.B. Cattell.

É um questionário destinado a pessoas acima de dezesseis anos, que apresenta dezesseis resultados em termos de traços e quatro em termos de tipos.

Para os fins deste estudo será feita a análise apenas de um fator de primeira ordem, que é a *introversão-extroversão*.

b. Teste de Atenção Concentrada. Toulouse — Pieron da Bateria Fatorial — CEPA.

c. Escala de Dogmatismo de Rokeach — Forma C.

Trata-se de uma escala de auto-avaliação com 35 afirmativas, para as quais o indivíduo assinala 1, 2, 3, -1, -2, -3, conforme a situação. A marcação dos valores positivos refere-se à concordância do sujeito com a alternativa e os valores negativos referem-se à discordância.

d. Sorting Test

Trata-se de um teste usado na seleção de operadores de mísseis no Exército Norueguês. É uma situação-tarefa, na qual o sujeito segue uma seqüência de instruções relativamente complicadas, e tendo então que agir segundo elas.

A situação consta de um tabuleiro, com nove buracos e nove nomes escritos embaixo desses buracos.

A distribuição da cor do buraco e da cor da palavra foi feita com base num quadrado greco-latino 3 x 3. Cada binômio buraco-palavra constitui-se uma situação conflitante para que se possa fazer uma identificação.

A tarefa do sujeito será colocar uma quadrícula de uma determinada cor num buraco ou num nome de acordo com três informações: sinal sonoro, nome de uma cor e localização.

A adaptação do instrumento foi feita por EVA NICK e FRANCISCO RAMOS DE FARIAS:

### E) Procedimento

A seleção de sujeitos não foi completamente aleatória. Os participantes do estudo eram universitários dos cursos de Biologia e Psicologia. Não houve manipulação intencional, a observação foi feita pela seleção de valores da variável independente.

O grupo de 150 sujeitos foi dividido em dois grupos de sujeitos introvertidos, conforme os resultados do 16PF. Esses dois grupos foram subdivididos em quatro pelos resultados da Escala de Dogmatismo de Rokeach. Então, tem-se a configuração descrita no modelo do estudo.

A última medida dos sujeitos foi a Sorting Test para verificar a vulnerabilidade ao estresse.

Assim o estudo se compõe de três variáveis, duas dicotomizadas a uma contínua.

As variáveis sexo, nível sócio-econômico não foram controlados porque se acredita terem uma relação fraca com estresse. Apenas limitou-se uma faixa etária entre 20 e 25 anos.

O tratamento estatístico para decisão quanto a hipótese probanda foi efetuado pela análise da regressão múltipla fixando-se alfa em 0,05.

Foi também feita uma medida da atenção concentrada, tanto no que se refere à rapidez quanto à qualidade por se pensar que, em se tratando do Sorting Test, a atenção concentrada poderá exercer alguma influência.

## 6. RESULTADOS

Médias Aritméticas dos Sujeitos nas Variáveis  
Extroversão-Introversão e Dogmatismo.

	DOGMÁTICOS	NÃO-DOGMÁTICOS	TOTAL
EXTROVERTIDOS	15,7714	17,3947	16,6164
INTROVERTIDOS	17,1250	17,9189	17,5065
TOTAL	16,4933	17,6533	17,0733

$$\Sigma y^2 = 33560,3671$$

$$\begin{aligned} r_{y.1} &= -0,0297 & r_{y.2^2} &= 0,0015 \\ r_{y.2} &= -0,0388 & r_{y.3^2} &= 0,0002 \\ r_{y.3} &= -0,0127 & R^2_{y.12} &= 0,00248 \\ r_{y.1^2} &= 0,0009 & R^2_{y.123} &= 0,00302 \end{aligned}$$

Correlação entre atenção Concentrada e Sorting Test.

Rapidez \_\_\_\_\_  $r = -0,01$

Qualidade \_\_\_\_\_  $r = -0,04$

### SUMÁRIO DA ANÁLISE DA VARIÂNCIA

FATOR	SQ	g. liberdade	Q. Médio	F
A	53,0254	1	53,0254	< 1 n.s
B	32,8892	1	32,8892	< 1 n.s
INTERAÇÃO	18,1226	1	18,1226	< 1 n.s
RESIDUAL	33459,0148	146	229,1713	

## 7. DISCUSSÃO

O coeficiente de correlação de  $-0,01$  entre o Sorting Teste e a rapidez do teste de atenção concentrada informa que a variação de uma variável não ocorre na mesma direção que outra. Também o coeficiente de  $0,04$  entre o Sorting Teste e a qualidade da atenção revela uma relação muito fraca entre tais variáveis. Desse modo, fica excluída a hipótese de que deve haver uma influência da atenção concentrada na vulnerabilidade ao estresse quando mensurada por um teste como o "sorting", pois tais resultados não são significativos para que se estabeleça alguma proposição sobre a possível influência da atenção concentrada à vulnerabilidade do estresse analisada por um teste de desempenho.

Os resultados obtidos pela análise da regressão múltipla demonstram que nenhuma das quatro hipóteses nulas foram rejeitadas, concluindo-se que: a) não há diferença na vulnerabilidade ao estresse em indivíduos extrovertidos e introvertidos; b) essa mesma conclusão pode ser proposta com relação ao dogmatismo, ou seja, os indivíduos dogmáticos não diferem com relação à vulnerabilidade ao estresse dos indivíduos não-dogmáticos; c) quando avaliada a relação combinada dos extrovertidos-dogmáticos não se observou nenhuma diferença com relação à vulnerabilidade dos indivíduos extrovertidos não-dogmáticos e d) essa mesma relação foi observada nos indivíduos introvertidos-dogmáticos. Não se observou nenhuma diferença dos indivíduos introvertidos não-dogmáticos, quando se considera a vulnerabilidade ao estresse.

Provavelmente, alguns acontecimentos devem ter sido responsáveis pelo aparecimento de tais relações. Em primeiro lugar, pode-se questionar o teste que mede extroversão-introversão, pois apesar de um teste fidedigno (16PF) o constructo de base para a definição da dimensão extroversão-introversão já sofreu bastantes reformulações e Eysenck considerou as primeiras proposições da concepção de ativação. Então pode-se admitir que o teste não esteja, pelas razões expostas, dando uma medida válida do constructo.

Em segundo lugar, pode ser que o estresse não sofra a influência da extroversão-introversão como foi proposta teoricamente, ou ainda, essa relação deve se dar de um modo diferente do proposto neste estudo.

Ainda, podem-se levantar questões sobre o Sorting Teste. Provavelmente, merece um estudo mais aprofundado, pois foi criado com objetivos para uso do Exército Norueguês e neste estudo foi utilizado com estudantes universitários. Essa diferença de população poderia, possivelmente, ser responsável pelo aparecimento das relações observadas.

Desse modo, é conveniente uma replicação do estudo e consideração de outras variáveis da personalidade como impulsividade e sociabilidade. Também é recomendável o uso de outros testes. Ainda se deve relacionar a vulnerabilidade ao estresse com traços, ao invés de tipos, pois acreditamos que o estresse esteja relacionado aos traços que compõem um determinado tipo. Sendo assim, deveriam ser tomadas medidas dos traços que compõem os tipos extrovertido e introvertido, dogmático e não-dogmático.

Ainda é pertinente esboçar aqui a possibilidade de uma relação entre a vulnerabilidade ao estresse, a especificidade e a não-especificidade. Tais relações acredita-se devem ser incluídas nos estudos sobre o estresse para que se possa elaborar esquemas de pesquisas considerando esses dois aspectos mencionados (especificidade e não-especificidade) ao invés de se deter meramente em aspectos ambientais ou em aspectos do indivíduo. Nesse sentido pode-se estudar o estresse de uma maneira mais satisfatória, considerando a influência dos fatores de personalidade e dos determinantes cognitivos. Sem dúvida, reportamo-nos ao estresse experienciado por seres humanos, e considerando parcialmente o escopo teórico que Selye propôs em suas primeiras formulações sobre o assunto. Acredita-se que este modelo seja bastante apropriado para se estudar a relação entre os fatores de personalidade, determinantes cognitivos e vulnerabilidade ao estresse pois é



provável que fatores de personalidade e determinantes cognitivos estejam mais intimamente relacionados com a especificidade da reação do organismo a um dado estressor do que com a não-especificidade. Desse modo, pode-se esperar que tais fatores e determinantes influenciem a especificidade diretamente ou em maior grau do que a não-especificidade.

A não-especificidade representa um conjunto de mecanismos que são disparados com a finalidade de manter um determinado padrão homeostático corporal quando o organismo se encontra diante de situações potencialmente capazes de lhe produzirem desequilíbrio.

O emprego do estresse na Psicologia considerando a especificidade e a não-especificidade, representa um modo diferente de abordar o problema e reflete o papel dos diferentes níveis de integração dos processos do organismo e de sua complexidade, onde os níveis mais elevados e mais complexos do sistema nervoso estariam associados aos processos psicológicos e responderiam pela ativação emocional — processo complexo dos animais superiores — e níveis menos elevados da atividade do sistema nervoso estariam associados às funções fisiológicas que seriam responsáveis pelas respostas neuro-endócrinas do organismo ao estressor. É claro que a atividade dos níveis superiores repercute no funcionamento dos níveis inferiores. No que se refere ao estresse é provável que os determinantes cognitivos não só "captem" a atividade dos níveis mais inferiores bem como atuem de modo a produzir neles também possíveis modificações no seu funcionamento através do comando dos níveis mais elevados. Espera-se que os fatores de personalidade estejam atuando nos determinantes cognitivos para em cada indivíduo produzir um tipo de atividade diferente, considerando estressores diferentes, e até mesmo que cada indivíduo tenha um padrão de resposta particular para cada tipo de estressor. Assim sendo, é provável que o estresse decorra da interação de fatores psicológicos na cadeia: fatores de personalidade-determinantes cognitivos combinada com os aspectos da configuração ambiental e os fatores fisiológicos, com relação aos aspectos da transação do sujeito com o ambiente.

Em suma é possível que contradições, definições imprecisas, conceitos com certo grau de ambigüidade e também lacunas existentes no campo do estresse podem ter-se refletido nos resultados negativos por nós obtidos em nossa pesquisa. É provável que essas circunstâncias, entre outras já tratadas, possam ter-se constituído situações obstaculizantes à comprovação empírica de nossas hipóteses, já que teoricamente propomos uma certa direcionalidade, com base em resultados experimentais, entre os tipos de personalidade e a vulnerabilidade ao estresse.

De resto, a dificuldade de estabelecer uma definição operacional para o estresse as bases teóricas dos conceitos de extroversão-introversão e dogmatismo, os instrumentos utilizados, a relação estabelecida entre o tipo de personalidade e vulnerabilidade do estresse, a não-utilização das medidas dos traços em sua

relação com a vulnerabilidade, a dificuldade de isolar e mensurar os determinantes cognitivos são, dentre tantos outros, aspectos que devem ser considerados quando se conjectura uma relação entre os fatores de personalidade, determinantes cognitivos e a vulnerabilidade ao estresse.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKER, H. A. e OWEN, D. W. *Bibliographical, trait and behavioral — sampling predictions of performance in a stressful life setting*. Journal of Personality and Social Psychology, vol. 35, n.º 10, 717-723, 1977.
- APPLEY, M. H. e TRUMBULL, R. *On the concept of psychological stress*. In: M. H. Appley e R. Trumbull (eds). *Psychological Stress: Issues in research*. Nova York, Appleton-Century-Crofts, 1967.
- BOECHENED, W. e ZAWISKA, E. *Psychological stress and personality in ménière's disorder*. Journal of Psychosomatic. Vol. 20, 187-191, 1975.
- CATTELL, R. B. *Personality. A systematic, theoretical, and factual study*. Nova York, McGraw-Hill, 1950.
- COX, T. *Stress*. Hong Kong, Macmillan Press, 1978.
- COYNE, C. C. e LAZARUS, R. S. *Cognitive style, stress perception and coping*. In: I. L. Kutash e L. B. Schlesinger (eds). *Handbook on stress and anxiety*. Londres, Jossey-Bass, 1981.
- ENDLER, N. S. *Person-situation interaction and anxiety*. In: I. L. Kutash e L. B. Schlesinger (eds.) *Handbook on stress and anxiety*. Londres, Jossey-Bass, 1981.
- EYSENCK, H. J. *The structure of human personality*. Nova York, Wiley, 1953.
- *Psychiatric diagnosis as a psychological and statistical problem*. Psychological Reports, vol. 1, 3-17, 1955a.
- *A dynamic theory of anxiety and hysteria*. Journal Mental Sciences, 101, 28-5k, 1955b.
- EYSENCK, H. J. *The dynamics of anxiety and hysteria*. Londres, Routledge and Kegan Paul, 1957.
- *The biological bases of personality*. Springfield C. C. Thomas, 1967.
- FRANKS, C. M. *Personality Factors and the rate of conditioning*. British Journal of Psychology. Vol. 48, 119-126, 1957.
- FRANKS, C. M. e LAVERTY, S. G. *Sodium amytal and eyelid conditioning*. Journal Mental Sciences. Vol. 101, 654-663, 1955.
- GRAY, J. *A psicologia do medo e do stress*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- GARRITY, T. F., SOMES, G. W. e MARX, M. B. *The Relationship of personality, life change psychophysiological strain and health in a college population*. Society Sciences and Medicine. Vol. 11, 257-263, 1977.
- HAMILTON, V. *Perceptual and personality in reactions to ambiguity*. British Journal of Psychology. Vol. 48, 200-215, 1957.
- *Eysenck's theory of anxiety and hysteria: — a methodological critique*. British Journal of Psychology. Vol. 50, 48-63, 1959.
- *Motivation and personality in cognitive development*. Ind: V. Hamilton e M. D. Vernon (eds.). *The development of Cognitive Process*. Londres, Academic Press, 1976.
- *Personality and stress*. Ind: V. Hamilton e D. M. Warburton (eds). *Human stress e cognition*. Londres, John Willey, 1979.

- HAYTHORN, W. W. e ALTMAN, I. *Personality factors in isolated environments*. In: M. H. Appley e R. Trumbull. *Psychological stress*. Nova York, Appleton-Century-Crofts, 1967.
- HULL, C. L. *Principles of behavior*. Nova York, Appleton-Century-Crofts, 1943.
- LAZARUS, R. S. *Psychological stress and the coping process*. Nova York, McGraw-Hill, 1966.
- *Cognitive and personality factors underlying threat and coping*. In: M. H. Appley e R. Trumbull (eds). *Psychological stress: Issues in research*. Nova York, Appleton-Century-Crofts, 1967.
- *Social unrest, stress and adaptation*. In: L. Levi (ed). *Stress, Society and Disease*. Vol II. Nova York, Oxford University Press, 1975.
- *A strategy for research on psychological and social factors in hypertension*. *Journal of Human Stress*, vol. 6, 36-48, 1979.
- LOVALLO, W. R. e PISHKIN, V. *Type A behavior, self-involvement automatic activity and the traits of neuroticism and extraversion*. *Psychosomatic Medicine*, Vol. 42, n.º 3, 329-334, 1980.
- MILLER, C. e GRIM, C. *Personality and emotional stress. measurement on hypertensive patients with essential and secondary hypertension*. *International Journal Nursing Studies*. Vol. 16, 85-93, 1979.
- MINTER, R. E. e KIMBALL, C. P. *Life events, personality traits and illness*. In: I. L. Kutash e L. B. Schlesinger (eds). *Handbook on stress and anxiety*. Londres, Jossey-Bass, 1981.
- MURRAY, H. A. *Exploration in personality*. Nova York, Oxford University Press, 1938.
- *Studies of stressful interpersonal disputations*. In: G. Lindzey, C. S. Hall e M. Manisevitz (eds). *Theories of Personality: Primary source and research*. Nova York, John Wiley, 1973.
- PECH, D. e WHITHOW, D. *Teorias da personalidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- ROKEACH, M. *The open and closed mind: Investigation into the nature of belief system and personality*. Nova York, Basic Books, 1960.
- SCHAFFER, L. T. *The psychology of adjustment*. Boston, Houghton Mifflin, 1945.
- SELYE, H. *The stress of life*. Nova York, McGraw-Hill, 1956.
- SELLS, S. B. *On the nature of stress*. In: J. E. McGrath (ed.) *Social and psychological factors in stress*. Nova York, Holt, Rinehart and Winston, 1970.
- SHAPIRO, K. J. e ALEXANDER, I. E. *Extraversion-introversion, affiliation and anxiety*. *Journal of Personality*, Vol. 37, 387-406, 1969.
- VENHAM, L. L. MURRAY, P. e GAULIN-KREMER, E. *Personality factors affecting the preschool child's response to dental stress*. *Journal Dental Presearch*, Vol. 58, n.º 11, 2046-2051, 1979.
- WILLS, T. A. e LANGNER, T. S. *Socioeconomic Status and stress*. In: I. L. Kutash e L. B. Schlesinger (eds). *Handbook on stress and anxiety*. Londres, Jossey-Bass, 1981.